
Mídia impressa, análise do discurso e política: práticas discursivas das charges do jornal O Globo no período das eleições de 2018¹

Larissa Moreira LISBOA²
Prof. Milton Júlio FACCIN³
Universidade Estácio de Sá, Rio de Janeiro, RJ

Resumo

Esta pesquisa é resultado do Trabalho de Conclusão de Curso e busca analisar a presença de diferentes vozes inseridas no texto jornalístico, através do uso das práticas discursivas e dos recursos linguísticos. Escolheu-se este tema para pontuar a produção jornalística opinativa, através da construção de um discurso com o intuito de desenvolver um pensamento crítico por parte do leitor. Para fundamentar este contexto, parte-se do ponto da intertextualidade e do dialogismo, coexistentes nas editoriais do jornal impresso *O Globo*, com base na análise dos discursos políticos das charges de Chico Caruso, durante o período eleitoral de 2018. Supõe-se que as práticas discursivas como a intertextualidade e o dialogismo estão inseridas nas charges para dialogar com o leitor de forma que construa a credibilidade do chargista.

Palavras-chave: charges; intertextualidade; dialogismo; credibilidade; pensamento crítico.

INTRODUÇÃO

O jornalismo é uma das áreas onde as práticas discursivas atuam com o objetivo de dar sentido e credibilidade ao assunto que está sendo retratado. Essas práticas estão presentes em todas as formas de jornalismo, sejam elas conteúdos voltados para os campos do impresso, da televisão, o rádio e até para a internet. Assim, a cobertura jornalística de um fato está relacionada à percepção da realidade, que é mediada pela linguagem a partir de visões de mundo que lhe são oferecidas pelas diferentes práticas discursivas. Os discursos são produzidos com o intuito de, além de informar, tentar se aproximar o máximo do real para que auxilie na compreensão e interpretação por parte

¹ Trabalho apresentado no IJ01 – Jornalismo, da Intercom Júnior – XV Jornada de Iniciação Científica em Comunicação, evento componente do 42º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Estudante de graduação, 8º semestre do Curso de Jornalismo, da Universidade Estácio de Sá/RJ, e-mail: lisboa.larissaa@gmail.com.

³ Orientador do trabalho; professor graduado em Comunicação Social (Jornalismo) pela Universidade Federal de Santa Maria/RS, mestre e doutor em Comunicação e Cultura pela ECO-UFRJ. Coordenador do curso de Jornalismo, do campus João Uchoa, da Universidade Estácio de Sá/RJ e pesquisador do Programa Pesquisa Produtividade da mesma universidade. E-mail: miltonfaccin@yahoo.com.br.

do leitor. Ou seja, os jornalistas mobilizam técnicas e criam estratégias, inclusive linguísticas, para ludibriar o leitor de forma que ele não perceba que é apenas um discurso e sim entenda como sendo o próprio real relatado.

Em um veículo de mídia impressa, em que são abordados diferentes conteúdos relacionados de acordo com cada editoria, fica visível a presença de diversas vozes existentes no meio de comunicação específico. Essas vozes são construídas a partir da intertextualidade e do dialogismo inseridos nos enunciados em destaque, dentre outros fatores.

O campo da política é alvo de produtos midiáticos que, dentre as diferentes possibilidades narrativas, como por exemplo as reportagens, crônicas e análises, levam a ironia, brincadeiras e são alvos prioritários dos discursos humorísticos. Um ponto chave para o campo político é a credibilidade, que encontra no jornalismo condições ideais para a construção da veracidade dos fatos a partir do olhar sobre a política. Isto porque o jornalismo, pela sua natureza discursiva, já detém a credibilidade junto aos seus receptores, dependendo da maneira que o discurso será construído. O campo político procura aliar-se ao jornalismo para, deste modo, conquistar a sua credibilidade.

Um exemplo do retrato político no jornalismo são as charges, gênero caracterizado pelo texto visual humorístico e opinativo que tem como função a crítica de um fato político. Ela possui linguagem própria, mesclando verbal, imagem e alguns símbolos que envolvem princípios da análise textual, em que mantém estruturas intertextuais relacionadas verbalmente e visualmente com os textos publicados pelo próprio jornal, definindo-se como um discurso pluralista.

Podemos caracterizar a charge, também, como uma atividade que produz um discurso ideológico baseado em uma natureza histórica que se insere no cenário político atual, conforme cada edição publicada, sendo uma ação sociopolítica para, além de comunicar, dialogar com os leitores. Este diálogo é possível através da inserção de diferentes vozes nos discursos jornalísticos. No caso das charges, a relação com a política fica mais densa, pois ela trabalha com uma outra lógica de construção narrativa, que é a já dita lógica do humor, da sátira e da ironia.

Dentro desse contexto, a pesquisa tem o foco voltado para a análise do discurso jornalístico sobre a política existente na mídia impressa através das escolhas linguísticas presentes nas charges de Chico Caruso, do jornal *O Globo*, no período das eleições de 2018, que impactam na construção da credibilidade dos fatos. Serão analisadas charges

dos meses de setembro e outubro, tendo como extra algumas charges pós eleição, em específico no mês de janeiro, para avaliar a crítica do chargista sobre a política a partir do primeiro mês de mandato do novo presidente do Brasil.

Partindo da hipótese de que o uso de recursos linguísticos em um enunciado auxilia na construção da credibilidade dos chargistas junto aos leitores, o objetivo da pesquisa é, portanto, analisar quais são as práticas discursivas mobilizadas por Chico Caruso que contribuem para o pensamento crítico do leitor, a partir do momento em que a produção jornalística opinativa tem o intuito de despertar o raciocínio do receptor.

O que está em pauta não é apenas o assunto que será noticiado, mas também a forma como foi produzido o discurso, a partir da inserção das vozes. A coexistência de um pensamento comum entre quem emite e quem recebe o discurso contribui na interpretação das diversas vozes existentes em um veículo de comunicação. Assim, os recursos linguísticos usados na produção textual podem garantir a credibilidade do chargista mediante ao seu público.

Para dar conta desses propósitos, este artigo terá o foco nas práticas discursivas presentes nos enunciados jornalísticos que auxiliam na compreensão do texto, abrangendo a *Intertextualidade: como se constitui no discurso*, onde será explicado os conceitos de intertexto e de que forma a sua utilização enriquece a produção textual, além do *Dialogismo: o diálogo entre o enunciado e as vozes de um jornal*, com o foco na cristalização dos valores e dos pensamentos inseridos na sociedade e que são próprios da cultura.

Dando sequência a pesquisa, serão pesquisadas charges jornalísticas em período eleitoral com o intuito de compreender a linguagem usada pelo chargista Chico Caruso para dar credibilidade às suas críticas e de que forma as suas produções contribuíram para o pensamento crítico do leitor. Foram escolhidas as charges dos fins de semana, nas edições de domingo, por se tratar de uma edição mais analítica do jornal e por pressupor que o leitor possui mais tempo para analisar o conteúdo. Sendo assim, serão aplicados os recursos linguísticos explicados nesta pesquisa para analisar as charges produzidas por Chico Caruso.

A PRESENÇA DA INTERTEXTUALIDADE NO DISCURSO

A proposta deste tópico é explicar o conceito de intertextualidade e a partir dele demonstrar como ela é inserida em um discurso, qual é o seu papel e o que ela agrega a

produção textual como recurso linguístico e, de acordo com a sua aplicação, como ela influencia na interpretação do texto por parte do leitor.

O discurso é estruturado por recursos linguísticos, extralinguísticos e valores pragmáticos que auxiliam na construção do sentido sobre aquilo que se fala. Um dos exemplos dessas práticas é a intertextualidade, que ademais agrega elementos capazes de conduzir a interpretação do receptor e a conexão com a realidade.

Uma ideia que se destaca a partir do conceito de intertextualidade é de que a sua aplicação não se dá apenas no texto verbal. Existem diferentes tipos de textos e um dos importantes gêneros jornalísticos é a charge, que se pauta em linguagem verbal e não verbal e, por ser um discurso curto, requer a adaptação da linguagem, por parte do chargista, e principalmente do conhecimento de mundo, por parte do leitor, para que a mensagem possa ser transmitida e então construir um sentido para o discurso.

A Intertextualidade é definida por Dominique Maingueneau como uma “propriedade constitutiva de qualquer texto e o conjunto das relações explícitas ou implícitas que um texto ou um grupo de texto determinado mantém com outros textos” (MANGENEAU, 2004, p.288)

Ou seja, a intertextualidade pode ser definida como a influência de um texto sobre o outro, produzindo um novo discurso construído através da inserção de vozes. Sendo essas vozes que dão base para o reconhecimento e a interpretação do assunto abordado por parte do leitor, além de enaltecer a ironia e gerar o humor, dando sentido ao conteúdo produzido na charge.

Temos por voz a presença de diferentes conteúdos já existentes para a construção de um novo texto. Assim, a inserção de vozes na produção textual pode ser estabelecida de forma explícita, em que há uma relação entre o enunciado e a fonte baseada para a construção do conteúdo, e nele o leitor identifica elementos de domínio público que auxiliam na compreensão do assunto. A voz pode ser inserida implicitamente no texto também; desta forma, o leitor irá recorrer à conhecimentos adquiridos com estudos, a fim de contribuir para a análise do que está sendo dito. (MANGENEAU, 2004, p.288)

No jornalismo, um bom exemplo de intertextualidade é quando o jornalista escreve uma crônica sobre determinado assunto do cotidiano. Além da crônica já exigir um estilo próprio de linguagem, por se caracterizar em um gênero opinativo, o jornalista usa como base para o seu texto os conhecimentos de mundo adquiridos e que complementem as suas ideias de acordo com o contexto em que ele está inserido.

A partir dessa noção inicial do conceito de intertextualidade podemos entendê-la como ponto fundamental na construção de um texto, tendo em vista que a estrutura de um texto é baseada na relação de um agrupamento de frases, mas, também, como ponto fundamental em relação àquilo que ele representa enquanto realidade a medida em que se conecta com outras vozes, formando assim uma espécie de rede interpretativa do mundo.

Outro fator importante para se destacar na intertextualidade é a relação de frases em um intertexto, que constrói um discurso que se insere em um interdiscurso.

Temos por intertexto o agrupamento de ideias pautadas em contextos anteriormente produzidos e inseridos em uma nova concepção, gerando um novo discurso. Já o interdiscurso é o produto discursivo gerado no entrelace de diferentes ideias no interior de um discurso.

Para interpretar um discurso, é necessário compreender que a produção de um enunciado está relacionada com outros enunciados já existentes. Temos como exemplo a própria charge que, para que seja possível a interpretação do que está sendo criticado, o leitor deve compreender os recursos que se fazem presente no contexto em que o assunto abordado foi pautado.

Dominique Maingueneau esclarece essa relação de discurso e interdiscurso da seguinte forma:

O discurso só adquire sentido no interior de um imenso interdiscurso. Para interpretar o menor enunciado, é necessário relacioná-lo, conscientemente ou não, a todos os tipos de outros enunciados sobre os quais ele se apoia de múltiplas maneiras. O simples fato de organizar um texto em um gênero (a conferência, o jornal televisivo...) implica que o relacionemos com outros textos do mesmo gênero. (MANGENEAU, 2015, p.28)

Todo enunciado é fundamentado a partir de outros enunciados já existentes, o que requer que o enunciado tenha um amplo conhecimento para construir um sentido em seu discurso. Da mesma forma, para identificar a presença da intertextualidade em um discurso o receptor deve recorrer a sua memória para auxiliar na interpretação do assunto em questão.

Outro fator importante é a construção irônica de um discurso, que se faz presente nas charges. A intertextualidade pautada na ironia tem a intenção de não só criticar um assunto, mas principalmente de provocar a inquietação de quem recebe a mensagem, que deve recorrer aos seus conhecimentos de mundo para interpretar o conteúdo proposto.

Também, a noção de Dialogismo, que se trata do diálogo entre as diferentes vozes presentes no discurso para cristalizar uma ideia, como se apresentará a seguir.

DIALOGISMO DO ENUNCIADO COM AS VOZES DE UM JORNAL

Falar de dialogismo pressupõe entender a sua função enquanto um recurso de comunicação. Assim, iremos retratar neste tópico o papel fundamental do dialogismo no sentido de cristalizar, através do diálogo entre as ideias anteriores ao do enunciado produzido, os valores, os estereótipos e os pensamentos que se inserem na sociedade e que são próprios da cultura.

Os textos jornalísticos, considerado como todo produto que é verbal ou não verbal, conversam entre si a partir do ponto em que o enunciadador pauta a sua produção com base em um enunciado já existente. Desta forma, quando analisamos um jornal impresso, que é dividido por editorias, percebemos a distinção dos assuntos abordados em cada página do veículo e a presença de discursos que dialogam com conceitos que se inserem no contexto da sociedade.

Vale ressaltar que a presença de diferentes discursos jornalísticos representa o espaço que o veículo atribui para a inserção de diferentes vozes no jornal, ampliando a possibilidade do diálogo não só entre os textos, mas também entre o jornalista e o leitor, com o objetivo de auxiliar na construção do sentido do texto e de enfatizar as ideias já enraizadas na sociedade como um todo.

Esse diálogo é conhecido como dialogismo que, através dos estudos do autor Mikhail Bakhtin, pode ser definido como a interação entre textos que ocorrem a partir da intertextualização, termo explicado no tópico anterior, de um discurso dentro de um novo discurso, ora a presença de diferentes vozes⁴ que ajudam a construir o sentido do texto e, assim, solidificar esse novo texto. (BAKHTIN, 2010) No jornalismo, por exemplo, essa solidificação das ideias de um texto está relacionada a veracidade acerca do assunto que está sendo abordado e, conseqüentemente, a credibilidade que será atribuída por parte do leitor.

Quando falamos em discurso, estamos tratando dos recursos de linguagem utilizados na elaboração da comunicação, que nesta pesquisa está pautada na comunicação verbal e não verbal de um jornal impresso. Para que haja comunicação, deve

⁴ A presença de diferentes vozes em um texto é definida como Polifonia.

haver uma interação entre quem emite o discurso e quem irá recebê-lo, caracterizando a ideia de conversa entre ambos. Segundo Mikhail Bakhtin, qualquer comunicação pode ser caracterizada como diálogo:

(...)as relações dialógicas são de índole específica: não podem ser reduzidas a relações meramente lógicas (ainda que dialéticas) nem meramente linguísticas (sintático-composicionais). Elas só são possíveis entre enunciados integrais de diferentes sujeitos do discurso. (BAKHTIN, 2010, p.323)

Ou seja, essa troca de ideias entre os textos se dá em qualquer situação comunicacional a partir do momento em que há a presença de um sujeito no enunciado, seja ele constituído por recursos linguísticos ou extralinguísticos. Sendo assim, podemos compreender que os enunciados são constituídos com a interseção de ideias sobre um tema específico, partindo do ponto de que eles só conversam se forem semelhantes, tornando explícito a participação de diferentes sujeitos no discurso produzido.

Uma questão acerca do dialogismo que deve ser ressaltada é a função de resgatar ideias que já existem e que, independente da época, pode se fazer presente em um texto e caracterizar um contexto atual, como explica Bakhtin:

Não há uma palavra que seja a primeira ou a última, e não há limites para o contexto dialógico (este se perde num passado ilimitado e num futuro ilimitado). Mesmo os sentidos passados, aqueles que nasceram do diálogo com os séculos passados, nunca estarão estabilizados (encerrados, acabados de uma vez por todas). Sempre se modificarão (renovando-se) no desenrolar do diálogo subsequente, futuro. Em cada um dos pontos do diálogo que se desenrola, existe uma multiplicidade inumerável, ilimitada de sentidos esquecidos, porém, num determinado ponto, no desenrolar do diálogo, ao sabor de sua evolução, eles serão lembrados e renascerão numa forma renovada (num contexto novo). Não há nada morto de maneira absoluta. Todo sentido festejará um dia seu renascimento. O problema da grande temporalidade. (BRAIT apud BAKHTIN, 2005, p.p. 329 e 330)

Um ponto importante a se considerar também é sobre o exercício do dialogismo dentro de uma produção textual é a relação com o enunciado, de modo que não apenas a intertextualidade do discurso seja reconhecida, mas também o contexto que compõe esse novo discurso. Ou seja, para que haja uma solidificação das ideias inseridas em um texto elas devem estar relacionadas com o contexto social que tanto o enunciador quanto o receptor estejam presentes, para que assim a produção textual do jornalista seja

coerente e que o leitor possa interpretar o que foi dito através dos seus conhecimentos de mundo.

Segundo o autor Mikhail Bakhtin, um enunciado não é unicamente exclusivo. Todo discurso possui uma ideia que já foi proposta em outras situações e que implicam na interpretação do texto.

O objeto do discurso de um locutor, qualquer que seja, não é objeto de discurso pela primeira vez em um determinado enunciado, e o locutor não é o primeiro a falar desse objeto. O objeto já foi, por assim dizer, falado, objeto de controvérsia, explicado e julgado de diversas formas, ele é o lugar onde se cruzam, se encontram e se separam dos pontos de vista diferentes, das visões de mundo, das tendências. Um locutor não é o Adão bíblico, face a objetos virgens, ainda não designados, que ele o primeiro a nomear. (BAKHTIN, 1984, p.301)

Ou seja, embora um enunciado seja novo, ele sempre receberá influências de um outro sujeito inserido na sociedade, pois o papel fundamental do dialogismo é resgatar ideias anteriores para dar ênfase ao assunto que está em pauta e, dessa forma, torná-lo parte do conhecimento da sociedade.

Dando sequência aos seus estudos, Bakhtin explica um outro recurso para a produção do enunciado é a presença das diferentes vozes no texto. Essa pluralidade influencia não somente na construção do enunciador, no momento de elaboração do texto, porque trata-se de vozes que já são de conhecimento público, mas também na interpretação do receptor.

A presença de vozes em um texto pode acarretar em um discurso ambíguo, tendo em vista que, no dialogismo, um diálogo sobrepõe o outro. No ato da construção de um texto, o enunciador pode até se pautar em outro texto, mas a sua voz deve imperar diante da presença de outros sujeitos, para que não atrapalhe na compreensão do leitor.

Partindo da premissa do dialogismo temos a dialogia que, na visão do autor, produz diferentes efeitos de sentidos nos discursos, como por exemplo os sentidos irônicos. Ele argumenta que “(...)segunda voz, uma vez instalada no discurso do outro, entra em hostilidade com o seu agente primitivo e o obriga a servir a fins diametralmente opostos. O discurso se converte em palco de luta entre duas vozes”. (BAKHTIN, 1981, p. 160)

Desta forma, temos como exemplo o próprio foco desta pesquisa, que são as charges jornalísticas. Por se tratar de uma crítica ao factual, principalmente aos assuntos

políticos, o enunciador recorre as pragmáticas linguísticas para não só agregar valor semântico, mas principalmente criar um valor social acerca do que está sendo dito. A partir dessa crítica, cabe ao leitor buscar a sua memória e também se pautar no contexto em que está inserido para poder compreender a charge e, então, dar credibilidade a ela ou não.

Vale ressaltar que, quando se trata das diferentes vozes inseridas em um jornal, podemos atenuar não apenas para o discurso em si, mas também analisar de que forma se faz presente nos gêneros textuais. Cada produto jornalístico, seja ele verbal ou não verbal, faz parte de um gênero, sendo ele opinativo ou informativo, que possuem diferentes estilos de linguagem. As vozes são adaptadas para cada gênero, seja ele uma simples notícia ou uma crônica, que mesmo possuindo estruturas diferentes, a inserção de vozes possui o mesmo papel, que é o de auxiliar na interpretação do leitor.

A INTERTEXTUALIDADE NAS CHARGES DE CHICO CARUSO

Teremos como proposta da pesquisa a análise das charges de Chico Caruso durante o período eleitoral, com o objetivo de aplicar os recursos linguísticos e as práticas discursivas citados anteriormente, como a intertextualidade e o dialogismo, para que através da análise das charges possamos compreender o contexto social em que elas foram construídas. Assim podemos destacar de que maneira cada produção garante a credibilidade do chargista e a sintetização do assunto por ele abordado, além de despertar o pensamento crítico do leitor.

Vale destacar os principais personagens que serão caracterizados nas charges, como o Fernando Haddad (Partido dos Trabalhadores – PT), o Jair Bolsonaro (Partido Social Liberal - PSL), o Ciro Gomes (Partido Democrático Trabalhista – PDT), a Marina Silva (Partido Rede Sustentabilidade), o Geraldo Alckmin (Partido Social Democracia Brasileira - PSDB) e Henrique Meirelles (Partido Democrático Brasileiro – MDB).

Decisão das eleições na urna (anexos 1 e 2)

Neste caso, as charges são pautadas no dia da votação do primeiro turno, no dia 07 de outubro, e do segundo turno, no dia 28 de outubro.

Na primeira charge (anexo 1), é representado uma fila em uma zona eleitoral, composta por todos os candidatos à Presidência da República, em ordem de poder atual da campanha, prestes a votar na urna eletrônica. A ironia se faz presente a partir do

momento que o Bolsonaro é retratado contestando o diálogo entre os outros candidatos. O primeiro balão traz consigo a frase “Bem... que vença o melhor” como uma conversa entre o Haddad, O Ciro Gomes, o Alckmin e a Marina”, que estão esperançosos com as suas campanhas. Além de ironizar o fato de que o candidato Bolsonaro não é a melhor opção para ganhar as eleições. Já o outro balão representa o momento de fala de Bolsonaro, em que questiona a conversa alheia com a frase “Êi! Por que esse preconceito?!”. Neste caso, podemos perceber a referência que o chargista Caruso fez do momento de fala do candidato do PSL em relação ao seu próprio caráter. Aqui o leitor deve recorrer à memória de que o Bolsonaro tem como característica os discursos preconceituosos perante a sociedade e é isso que leva o humor. A questão principal da crítica é dar ênfase ao fato de que o fato de o candidato usar o termo preconceito como recurso de vitimização a favor de si próprio é uma contradição aos seus discursos.

Já a segunda charge (anexo 2) traz a imagem da urna eletrônica ilustrado com o mapa do Brasil. Se percebemos os detalhes do desenho, existem três traços acima de uma região do mapa, esta que representa o Nordeste. Podemos pressupor que o chargista usou esses traços para caracterizar a polarização das eleições do segundo turno, que estava concentrada nesta região como forte oposição à candidatura de Bolsonaro. Além disso, podemos pressupor também que Caruso quis enfatizar que o povo do Nordeste também tem voz, tendo em vista de que para as outras regiões o país, desde as últimas eleições em 2014, que elegeu a ex-presidenta Dilma Roussef, o Nordeste é considerado por forças ligadas à direita como a parte ruim do país, pois não sabem tomar decisões, quando na verdade a posição de fala e de lutas deles têm a mesma representatividade que todos os outros povos que fazem parte do Brasil.

O Brasil sob comando do presidente eleito Jair Bolsonaro (anexos 3)

A charge que será analisada a seguir faz parte do mês de janeiro de 2019, já pautada nos assuntos constituintes no cenário brasileiro após as eleições de 2018 e já com o início do mandato do atual presidente, Jair Bolsonaro. O foco das críticas de Caruso nessa produção é de contextualizar as relações do presidente com outros países, na busca de estreitar relações para com o Brasil.

Nesta charge (anexo 3), Chico Caruso coloca o Bolsonaro em relação com os representantes de Israel, Hungria, Uruguai, Chile e Bolívia, no qual o presidente busca por relações favoráveis para o Brasil. Neste caso, o que acarreta a ironia é a frase

“Esperem aí, isso daí quer dizer que vocês vão me deixar sozinho nisso daqui?”, destacada pelo Bolsonaro ao ver os colegas entrando em um avião para voltarem ao seu país de origem. O uso da linguagem verbal desperta a interpretação de que Bolsonaro não sabe o que fazer para governar o país sem o apoio internacional. Por outro lado, se analisarmos as expressões faciais dos outros personagens, podemos perceber que ambos usam um sorriso irônico ao escutar a fala do atual presidente do Brasil.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O desenvolvimento desta pesquisa possibilitou uma análise dos discursos jornalísticos com cunho políticos inseridos em veículos de mídia impressa através do gênero opinativo charges que, em especial, foi escolhido como objeto deste artigo as produções de Chico Caruso no jornal *O Globo* durante os períodos das eleições de 2018 e o primeiro mês do mandato do novo presidente do Brasil. Além disso, permitiu também um estudo dos recursos linguísticos e das práticas discursivas enraizadas nas produções do Chargista de modo que contribua para a credibilidade do chargista junto aos leitores e também desperta o pensamento crítico do leitor.

O estudo teve como proposta analisar as diferentes vozes que fazem parte das produções jornalísticas, de forma que fosse possível compor uma reflexão sobre o impacto das práticas discursivas que contribuem na construção de um pensamento crítico e um discurso autoritário, conforme as charges são construídas mediante ao cenário político atual e, desta maneira, identificar como os discursos opinativos e os recursos linguísticos presentes em um enunciado jornalístico auxiliam na atribuição da credibilidade para quem oferece a notícia.

Pode-se perceber que a coexistência de um pensamento comum entre quem emite e quem recebe o discurso contribui na interpretação das diversas vozes existentes em um veículo de comunicação. Assim, os recursos linguísticos usados na produção textual podem garantir a credibilidade do chargista mediante ao seu público.

Notou-se que, de fato, a existência de diferentes vozes em um mesmo produto jornalístico remete a intertextualidade, no qual o leitor deve recorrer à sua memória para entender o assunto em pauta. Outra questão importante foi que o texto, seja ele construído de forma verbal ou não-verbal, como por exemplo composto por frases ou até mesmo signos linguísticos que facilitam a associação do leitor com o assunto e o seu conhecimento de mundo, possibilitam não apenas o desenvolvimento de um pensamento

crítico, mas também a cristalização de ideias que fazem parte da sociedade como forma de interpretar o mundo e, a partir disso, atribuir a credibilidade ao chargista, pois é ele quem está informando.

No caso da charge, além dos recursos linguísticos e das práticas discursivas, temos como principal função do gênero o uso da ironia para abordar os assuntos, pois quando um tema gera uma dupla interpretação ou até mesmo um questionamento sobre o que está sendo dito, instiga o leitor a pensar. O objetivo do chargista não é transmitir a verdade do assunto para o leitor, no sentido de garantir uma relação de poder sobre o assunto, mas sim despertar o raciocínio do receptor perante os temas sintetizados nas charges.

A cada charge analisada foi possível reconhecer o contexto em que a tanto o chargista quanto a sociedade estavam inseridos. As críticas foram construídas diariamente de acordo com a postura de cada candidato durante o período eleitoral e, a presença da ironia nas produções com inserção de linguagem coloquial, além das charges com traços e formatos que caracterizavam cada personagem em questão, contribuiu para o despertar do pensamento crítico do leitor, pois essas características estimulam a quem está recebendo o conteúdo à buscar informações sobre o assunto para que seja possível a interpretação do que está sendo dito. Além disso, essas práticas são fundamentais para atribuir a credibilidade do chargista junto aos leitores, estes que consumiram o jornal para acompanhar as publicações das charges de Caruso, que se conectam a cada edição do jornal.

Referências Bibliográficas

BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. Trad. Paulo Bezerra. 4 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

_____. **Esthétique de la création verbale**. Trad. Alfreda Aucouturier. Paris: Gallimard, 1984.

_____. **Problemas da poética de Dostoiévski**. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1981.

_____. **Dialogismo e construção do sentido**. 2ª Edição. Campinas: Editora da Unicamp, 2005.

MANGENEAU, D. **Dicionário de análise do discurso**. São Paulo. Contexto, 2004.

_____. **Discurso e análise do discurso**. Trad. Sírio Possenti. 1 ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2015.

ANEXOS

Charge 1: 07/10/2018



Charge 2: 28/10/2018



Charge 3: 06/01/2019

